

FAZENDO HISTÓRIA NO RIO GRANDE DO SUL À VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O XX: o trabalho de Alfredo Ferreira Rodrigues

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO

Alfredo Ferreira Rodrigues foi um dos mais importantes historiadores sul-rio-grandenses da virada do século XIX ao XX, dedicando boa parte de sua carreira ao estudo da Revolução Farroupilha. A pesquisa e a escritura dos trabalhos do autor revelam muito a contento as formas de “fazer história” no Rio Grande do Sul daquela época, e o presente estudo busca analisar alguns escritos de Rodrigues nos quais o seu enfoque não se direcionou à guerra civil de 1835-1845.

PALAVRAS-CHAVE: Alfredo Ferreira Rodrigues, Rio Grande do Sul, história e historiografia

ABSTRACT

Alfredo Ferreira Rodrigues has been one of the most important historians of the Brazilian State of Rio Grande do Sul (RS). His career was greatly dedicated to study the Farroupilha Revolution. Rodrigues' works revealed much of the forms of “making history” in RS at that time. This study was aimed at analyzing some of his writings which focus was not on the 1835-1845 civil war.

KEYWORDS: Alfredo Ferreira Rodrigues, Rio Grande do Sul, history and historiography

Na virada do século XIX à centúria seguinte, no contexto rio-grandense-do-sul, era bastante incipiente ainda a função social de historiador propriamente dita. Em verdade, atuavam aqueles que se poderiam convencionar como “homens de letras”, ou seja, uma intelectualidade cujos escritos gravitavam em torno de várias áreas do saber humano. Nessa época e conjuntura regional, as fronteiras mais específicas do conhecimento ainda estavam em definição, de modo que um mesmo indivíduo, portador de certo nível de erudição, englobava em seus estudos diversos segmentos científico-culturais. Muito a contento com tal concepção esteve o historiador Alfredo Ferreira Rodrigues,

* Professor da FURG. Doutor em História – PUCRS. Pós-Doutorando junto ao ICES – Portugal.

intelectual gaúcho de profícua produção que destinou significativa parte de sua pesquisa ao estudo da Revolução Farroupilha. Em seus escritos ficavam bem demarcadas as formas de “fazer história” no Rio Grande do Sul daquela época. Este trabalho pretende enfatizar alguns dos trabalhos de Ferreira Rodrigues que fugiram ao seu tema preferencial.

A 12 de setembro de 1865, numa das localidades mais antigas do Rio Grande, o Povo Novo, dava-se o nascimento de Alfredo Ferreira Rodrigues. Alguns de seus biógrafos ressaltam uma personalidade introvertida, ou seja, era um menino quieto que se tornou homem sereno, talhado para aquilo que lhe traria notório reconhecimento, a qualidade de reunir documentos e a redação de textos históricos e culturais. Desde os dois anos de idade, viveu na vizinha cidade de Pelotas, aos cuidados de seu cunhado Bernardo Taveira Júnior, o qual exerceria indelével influência na carreira intelectual de Rodrigues. O jovem Alfredo terminou o curso secundário e foi preparado pelo cunhado para os exames do curso de Humanidades a serem realizados na capital da província. Uma tragédia familiar acabaria por constituir momento de inflexão na vida de Rodrigues. Aos dezesseis anos perdeu seu pai, e, como o cunhado Taveira Júnior passava por dificuldades financeiras, ele teve de desistir de seus projetos de vida no que tange ao estudo superior e passou a trabalhar para garantir o seu sustento e o da família¹.

Num primeiro momento, Ferreira Rodrigues dedicou-se ao magistério, lecionando Matemática, Geografia, História, Inglês e outras disciplinas em estabelecimentos de ensino na cidade de Pelotas, como no Colégio de Madame Jeanneret, no Nacional, no Evolução, entre outros. Tendo em vista a remuneração insuficiente para seus encargos, o promissor Alfredo, que sempre se inclinara às atividades intelectuais, teve de abandonar a cátedra para se empregar, ainda em Pelotas, a partir de 1887, como revisor na Livraria Americana². Ao menos o destino não afastara Rodrigues de todo das lides intelectuais, tendo em vista seu novo lugar de trabalho. Em 1891, foi promovido a gerente e transferido para a filial da Livraria Americana na cidade do Rio Grande. Nesse meio tempo, a partir de 1889, começou a publicar um de seus mais importantes trabalhos, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, que foi editado anualmente até 1917, trazendo, além de matérias de variada

¹ RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues I. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, n. 18, p. 47-48, 1953.

² RUSSOMANO, 1953. p. 48. Antes disso, em 1884, junto com outros companheiros, Rodrigues fundou em Pelotas o semanário *A Pena* e, no mesmo ano, com os mesmos companheiros, criava o Centro Abolicionista. Cfe. ROSA, Othelo. Alfredo Ferreira Rodrigues. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, n. 20, p. 108, 1955.

natureza e de entretenimento, textos culturais de alguns dos expoentes da intelectualidade gaúcha de então, entre eles o próprio Alfredo, um dos que mais contribuiu com a publicação. No *Almanaque*, o escritor conseguiria o espaço necessário para a divulgação de sua já profícua e copiosa produção. Em dezembro de 1893, casou-se com Honorina Silveira, união da qual adveio numerosa prole.

Em 1910, as dificuldades financeiras mais uma vez batiam à porta daquele pai de família. Eram treze filhos para alimentar e educar, além de um sem-número de parentes a quem não negava ajuda. Em busca de melhores condições de existência, passou a atuar como caixeiro-viajante, da firma Lopes & Faral, estabelecida com farmácia na cidade do Rio Grande. O novo emprego destinou a Rodrigues a função de peregrinar pelos mais recônditos lugares do Rio Grande do Sul, tendo de enfrentar a precariedade dos meios de transporte de então, a distância da família, as preocupações com a situação financeira e atuando num meio que nada estimulava sua verve intelectual³. Mais uma vez o destino pregava uma peça no estudioso, criando-lhe obstáculos substanciais à carreira de escritor, pois, ainda que continuasse o trabalho intelectual, este foi se tornando cada vez menos intenso.

Nesse contexto, as atividades comerciais cada vez mais tomavam conta do cotidiano de Ferreira Rodrigues. Em 1914, junto de seu antigo empregador, Antonio Carlos Lopes, ele fundaria a Drogaria Unicum, cujo nome advinha da denominação de “Único” que o próprio Alfredo granjeara em suas andanças pelo interior do Rio Grande, tendo em vista seu dinamismo e sua cultura⁴. Ligado intrinsecamente às lides mercantis, acabaria por envelhecer no trabalho. Uma outra perda marcaria de modo trágico a sua vida, agora a de um filho, ceifando-lhe mais uma porção da vontade de continuar sua empreitada cultural. Teria chegado a afirmar que “morria para as letras”, perdendo o “vício” de pesquisar e escrever. Pouco a pouco deixaria de lado a carreira intelectual, dedicando-se quase exclusivamente ao trabalho e à família, da qual, enquanto pôde, escondeu as reais condições de sua saúde. Em seus últimos anos, Alfredo Ferreira Rodrigues voltaria a residir em Pelotas e, já em seus estertores, faria uma última visita ao seu velho Povo Novo, pouco antes de falecer, a 8 de março de 1942, na Beneficência Portuguesa daquela cidade⁵.

³ RUSSOMANO, 1953, p. 48.

⁴ ROSA, 1955, p. 109. Conforme esse autor, em 1937, a Sociedade Anônima Drogaria Unicum faria fusão com a Drogaria Sequeira, de Pelotas, para onde Rodrigues novamente se transferiria, no mesmo ano.

⁵ RUSSOMANO, 1953, p. 49-52.

Como intelectual, Alfredo Ferreira Rodrigues desenvolveu extensa obra. Além dos textos editados no seu *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicou livros, livretos e artigos, mormente em periódicos⁶. Um de seus maiores objetivos foi o de reunir documentos sobre a história gaúcha, com ênfase para o evento que se tornaria o principal fulcro de sua obra – a Revolução Farroupilha⁷. Rodrigues chegou a publicar uma série de “apedidos” junto à imprensa, no sentido de anunciar sua busca por documentos, de modo que ele reuniu, em sua época, provavelmente a mais completa coleção de fontes acerca do Rio Grande do Sul e, principalmente, sobre a Farroupilha. Posteriormente, já alquebrado e desistindo de sua carreira de historiador, Ferreira Rodrigues repassaria seu acervo para o Arquivo Histórico do Estado⁸ e outros documentos remanescentes seriam doados à Biblioteca Rio-Grandense⁹.

⁶ Sobre o conjunto da obra do escritor, ver: MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978, p. 495-497; VILLAS-BÓAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*: autores. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 432-436.

⁷ Acerca da relevância de Ferreira Rodrigues para a historiografia da Revolução Farroupilha, ver: ALVES, Francisco das Neves. A gênese do mito da Revolução Farroupilha: a construção discursiva de um historiador rio-grandense. In: *Anais da XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2003. p. 287-294.

⁸ Ver: ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Inventário da Coleção Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

⁹ Ver: ALVES, Francisco das Neves. Documentos de um historiador rio-grandino: a Coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes). In: ALVES, F.N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-33. A respeito do arquivo de Rodrigues, Othello Rosa cita o escritor Guilhermino César, que disse: “Esse homem, em verdade organizou um arquivo para a posteridade”; e o próprio Rosa complementa: “Uma ordem meticulosa preside a tudo. As próprias cópias são feitas com limpeza e atenção máxima, de modo a excluir a possibilidade de erros de leitura e, principalmente, de erros de interpretação. E o que se sente, sobretudo, naqueles papéis empoeirados e velhos, naqueles recortes de jornais, naqueles cadernos bem cozidos, é o amor, o grande e profundo amor do homem pela história do Rio Grande do Sul (ROSA, 1955, p. 111). Castilhos Goycochea assim se expressa a respeito da carreira de Rodrigues: “Fez-se historiógrafo, desde a mocidade, para reabilitar a Guerra dos Farrapos, até então denegrada pelos escribas ligados ao trono imperial. E nesse afã bateu às portas de todas as estâncias de nossa terra, na caça aos documentos e aos depoimentos, num peregrinar edificante pelas canhadas e coxilhas, pelas serras e pelas matas. Onde soubesse que havia qualquer pessoa ou coisa que pudesse esclarecer o passado gaúcho, lá comparecia para ouvir aquela e adquirir ou copiar o que houvesse. E tudo, testemunhos e provas, ia publicando no seu famoso *Almanaque do Rio Grande do Sul*. De modo que, muito do que hoje se lê, ou se leu ultimamente, a respeito da Guerra dos Farrapos e da Guerra do Paraguai, pode ser que traga assinatura diversa da de Alfredo Ferreira Rodrigues; o autor espiritual, porém, foi ele”. GOYCOCHEA, Luis Felipe de Castilhos. Preto de saudade. *Revista do Instituto*

Em seus escritos, Rodrigues utilizou-se de vários cognomes, iniciais e pseudônimos, como ao publicar charadas, em que assinou Bargasosse e Didino. Já em crônicas, ensaios, estudos, notas, informações, aparecem muitas vezes A., A. R., A. F. R., ou A. Rodrigues, e ainda Manoel de Souza e Azevedo, Manoel de Soiza, Azevedo, ou Manoel de Soiza, numa homenagem ao seu avô materno¹⁰. Como intelectual, pertenceu aos quadros sociais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Rio-Grandense de Letras¹¹.

De acordo com os padrões culturais e historiográficos de sua época, Alfredo Rodrigues executou a contento a função de historiador. Assim, apesar de sua múltipla atividade intelectual, Rodrigues foi, por excelência, o historiador, dando os primeiros passos do que viria a constituir um tratamento científico para com a história. Interessou-se por toda a história nacional, mas se especializou na história regional, com destaque para o tema que lhe despertou verdadeira paixão, a Guerra Civil Gaúcha de 1835-1845. Seus escritos vinham a público principalmente através das edições do *Almanaque* por ele organizado, o qual, quando lançado, tinha seus exemplares rapidamente esgotados. Ferreira Rodrigues escreveu ensaios e críticas em estilo simples, desataviado e agradável. Homem modesto, destinado a uma vida silenciosa e sem busca de projeções, deixando esse intento para outros, ele redigia com espontaneidade e sem a menor preocupação de causar efeito. Desse modo, seus estudos tinham alcance popular, pois não só a matéria por seu ineditismo despertava a atenção pública, como o método e a clareza da exposição os colocavam ao alcance da inteligência de todos¹².

Nesse quadro, Alfredo Ferreira Rodrigues dedicou-se incansavelmente a desvelar o passado da Revolução Farroupilha. De acordo com o prisma historiográfico reinante, sua perspectiva fundamental era a de historiar os “personagens notáveis” do “decênio heróico”. De acordo com essa meta, Ferreira Rodrigues, na virada do século XIX ao XX, seria um dos mais importantes articuladores da elevação de um monumento-túmulo a Bento Gonçalves da Silva,

Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, p. 176-177, 2. trimestre 1943.

¹⁰ RUSSOMANO, 1953, p. 53.

¹¹ ROSA, 1955, p. 109.

¹² RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues II. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, n. 19, p. 53-54, 1954.

apontado como a liderança máxima do movimento farrapo. Ao trabalhar firmemente no erguimento da estátua, Rodrigues reproduzia seus objetivos ao entabular seus estudos de cunho histórico, quer seja, a história, através dos personagens por ela retratados, deveria servir como exemplo cívico ao comportamento das gerações futuras. Apesar de ser um dos principais responsáveis pela edificação do monumento a Bento Gonçalves, o escritor rio-grandino acabaria por afastar-se da comissão que realizou os trabalhos da mesma, por discordâncias quanto aos rumos tomados pela homenagem. Esse afastamento acabaria por constituir mais uma das suas decepções de vida que viria a contribuir com seu desligamento das lides histórico-culturais.

Nessa transição de séculos, a figura do historiador era ainda pouco definida no contexto gaúcho. Havia, isto sim, o *status* de alguns intelectuais que, ligados à cultura como um todo, numa visão bastante generalista, se dedicavam a resgatar alguns episódios do passado nacional, regional e local¹³. Essa intelectualidade estava fortemente atrelada a uma história voltada, primordialmente, ao levantamento dos fatos, reproduzindo um modelo pelo qual a história é movida pelas individualidades, ou seja, os líderes, os heróis, os mitos que, através de suas ações, moldavam os destinos das comunidades humanas.

Nessa época, os acontecimentos eram os elementos marcantes da construção historiográfica, demarcando-se de forma estritamente cronológica a evolução das sociedades, sem qualquer preocupação com a história-processo. Os trabalhos eram demarcados pela narração descritiva, sem maior espaço, às vezes nenhum, para uma interpretação analítica dos fundamentos históricos das questões abordadas. Fazer história nesse momento significava, acima de tudo, apontar para os episódios do passado, para que servissem como lições para o presente, devendo-se, portanto, seguir os exemplos dados pelos antepassados, mormente no que tange às demonstrações patrióticas e de abnegação diante do valor maior que era a nação. Esse estilo de fazer história é característico dessa fase dos primórdios da estruturação da figura do historiador, mas marcaria profundamente e por longo tempo as formas de pesquisar e escrever a história no Rio Grande do Sul.

Nesse quadro esteve inserido Alfredo Ferreira Rodrigues, que, ao longo de sua carreira, por diversas vezes expressou algumas de suas convicções quanto à forma de escrever a história. Um dos fundamentos básicos que o escritor tentou balizar as suas construções históricas

¹³ Ver: ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Introdução ao estudo da historiografia sul-rio-grandense*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia, 1983. mimeo. p. 167.

ligava-se à busca da verdade, objetivando assim legitimar seus escritos a partir do pressuposto da “verdade histórica” que seria expressa através do exame meticuloso e honesto dos documentos. Nesse sentido, afirmava que o único fim de suas pesquisas era restabelecer a verdade de alguns fatos¹⁴. Referindo-se à rede de informações que estabeleceu através de um sem-número de correspondências emitidas às mais diversas pessoas em busca de dados sobre a formação histórica gaúcha, o escritor destacou que toda a sua correspondência estava cuidadosamente arquivada em copiadores, por meio dos quais seria possível reconstituir toda a marcha de seu pensamento, a qual fora sempre voltada para a verdade, que considerava como o único fim digno a que pudesse aspirar um historiador¹⁵.

Nessa linha, outro dos elementos apontado como fundamental para os trabalhos de edificação histórica, na perspectiva de Alfredo Rodrigues, era a necessidade de amearhar documentos para, a partir de sua descrição, entabular suas pesquisas. De acordo com ele, a história sem documentos de nada valia, de modo que pretendia apresentar um trabalho consciencioso, no qual não houvesse afirmativa que não se pudesse comprovar¹⁶. Nesse afã de buscar os “papéis” envolvendo temas referentes a suas pesquisas, Rodrigues chegou a apresentar “apedidos” para publicar em jornais gaúchos, expressando seus objetivos no sentido da coleta de dados. Na sua perspectiva, deveria haver no estado grande soma de documentos, e seu temor era que estes viessem a desaparecer aos poucos, pois nem todos os seus possuidores calculariam o valor histórico que tinham. Segundo ele, cartas, proclamações, ordens do dia, jornais, apontamentos, tudo servia, já que às vezes uma carta, uma notícia à primeira vista insignificante teria grande importância, pois poderia fixar uma data, assinalar um nome, descobrir a pista de um fato desconhecido. De acordo com essa idéia, concluía o historiador destacando que esses documentos, uma vez espalhados, de pouco serviriam; porém, reunidos, aumentariam de valor, tornando-se um guia seguro para quem tentasse fazer reviver o passado rio-grandense¹⁷.

Demarcando a relevância que dava ao estudo detido dos documentos, Ferreira Rodrigues argumentava que o historiador deveria sempre estar pronto para mudar algumas perspectivas e visões históricas, ainda que arraigadas pelo tempo, desde que isso fosse sustentado pelas fontes e embasado no respeito à “verdade histórica”. Para Rodrigues, o

¹⁴ RODRIGUES, 1905, p. 219.

¹⁵ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Bento Gonçalves da Silva – suas convicções monarquistas – o que sempre pensei a respeito*. Rio Grande: Livraria Americana, 1906a. p. 6.

¹⁶ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 31 de outubro de 1896 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

¹⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Revolução de 1835*. In: MARIANTE, 1982, p. 63-64.

historiador, menos do que ninguém, tinha o direito de formular uma opinião imutável e, se algumas asserções viessem a ser modificadas, fundadas na descoberta de novos documentos, não cairia em contradição, pois, se falava com sinceridade, dava apenas mais um passo em direção à verdade. Na mesma linha, considerava que o estudioso da história que desse modo se comportasse não se rebaixava – e sim se elevava, porque estaria prezando mais a verdade do que a sua própria opinião. De acordo com a perspectiva de Alfredo Ferreira, o historiador deveria formular suas asseverações, mas quando o estudo dos fatos e dos documentos, não o estudo superficial dos fazedores de frases, mas o estudo meditado à luz da crítica histórica – esclarecia –, o conduziu a conclusões diametralmente opostas, ele tinha o direito, e mesmo o dever, de declarar que errou e que a verdade seria outra¹⁸.

Outra das características de Alfredo Ferreira Rodrigues no seu *modus operandi* estava na visão de uma história centrada nos “grandes homens”, ou seja, as individualidades, os líderes normalmente, como elementos motores da evolução histórica. Nesse sentido, ele prestigiava o enfoque de cunho biográfico como um dos propulsores da construção historiográfica. De acordo com essa abordagem, o tema fundamental a que Alfredo Rodrigues dedicou grande parte de seus esforços como historiador, a Revolução Farroupilha, foi considerado como um dos momentos máximos da história gaúcha, em volta do qual estariam a gravitar alguns dos “expoentes personagens” dessa formação histórica, com destaque para um de seus maiores ídolos, Bento Gonçalves da Silva¹⁹. O quadro abaixo²⁰ apresenta representativa parte da produção intelectual de Rodrigues, editada ao longo do tempo mormente no seu *Almanaque Literário e Estatístico* e bem demonstra a predileção do escritor pela abordagem biográfica e, fundamentalmente, pelos assuntos em torno da guerra civil de 1835:

TRABALHO PUBLICADO	ANO
General Osório	1890
Pelo sinal dos farrapos	1890
Relação das pessoas que têm governado a Província do Rio Grande do Sul	1890
Carlos von Koseritz	1891
Bento Gonçalves da Silva	1892
Francisco Lobo da Costa	1893
José Joaquim de Andrade Neves	1894

¹⁸ RODRIGUES, 1906a, p. 11.

¹⁹ Texto adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues: esboço biográfico e uma breve incursão à sua forma de “fazer história”. *Biblos*, Rio Grande: Ed. da FURG, v. 22, n. 2, p. 39-55, 2008.

²⁰ Levantamento realizado a partir de: MARTINS, 1978, p. 496-497.

TRABALHO PUBLICADO	ANO
Bernardo Taveira Júnior	1895
David Canabarro	1896
Combates de 7 e 8 de abril e morte do Coronel Albano	1897
José Gomes Portinho	1897
Conde de Porto Alegre	1897
A morte do Coronel Albano	1897
Revolução de 1835	1897
Estado do Rio Grande do Sul	1897
Antônio Vicente da Fontoura	1899
Antônio Álvares Pereira Coruja	1899
Dr. Antônio José Gonçalves Chaves	1899
David Canabarro e a surpresa de Porongos	1900
Homens e fatos do passado	1901
Domingos José de Almeida – Ministro da República Rio-Grandense	1901
Homens e fatos do passado: o General Neto e a paz	1901
Homens e fatos do passado: Pedro Boticário	1901
Homens e fatos do passado: Tobias da Silva	1901
Homens e fatos do passado: um combate de gigantes	1901
Homens e fatos do passado: bispo e lavrador (D. Feliciano)	1901
Homens e fatos do passado: General Portinho	1901
Homens e fatos do passado: Andrade Neves em Avaí	1901
Homens e fatos do passado: Gabriel Gomes	1901
Homens e fatos do passado: coronel e soldado	1901
Homens e fatos do passado: morte de um farrapo (Manuel Lucas de Oliveira)	1901
João Manuel de Lima e Silva	1901
Homens e fatos do passado: morte de Onofre Pires	1902
Homens e fatos do passado: uma surpresa de Chico Pedro	1902
Homens e fatos do passado: abnegação de Joaquim Pedro	1902
Homens e fatos do passado: combate dos galpões	1902
Homens e fatos do passado: a segunda Câmara do Rio Grande	1902
Homens e fatos do passado: uma herança gloriosa	1902
Homens e fatos do passado: de que morreu Calderón	1902
Homens e fatos do passado: arrogância de Loureiro	1902
Homens e fatos do passado: magnanimidade de um farrapo	1902
Navios transportados por terra	1903
Homens e fatos do passado: Bento Manuel Ribeiro	1903
Homens e fatos do passado: cirurgiões, dentistas e curandeiros	1903
Homens e fatos do passado: pena de morte	1903
José de Araújo Ribeiro: sua posse na Presidência do Rio Grande do Sul	1904
Homens e fatos do passado: a fronteira do Rio Grande	1904
Homens e fatos do passado: uma matrona e um herói	1904
Homens e fatos do passado: o cólera de 1835	1904
Homens e fatos do passado: magnanimidade de Bento Gonçalves	1904
Homens e fatos do passado: Cristóvão Baun	1904
Homens e fatos do passado: dois leões e uma raposa	1904
José Pereira de Souza Pinto	1905
Dois cartas de Garibaldi	1905

TRABALHO PUBLICADO	ANO
Notas sobre <i>Breves considerações sobre a Revolução de 1835</i> de Sebastião F. Soares	1905
A estátua de Bento Gonçalves: onde deve ser colocada – justificação de voto	1905
Bento Gonçalves da Silva: seu ideal político, a revolução e a república	1906
Bento Manuel Ribeiro: seu papel na Revolução, sua coerência e independência de caráter	1906
Bento Gonçalves da Silva: suas convicções monárquicas, o que penso a respeito	1906
Notas históricas	1908
João da Silva Tavares, Visconde de Serro Alegre	1909
Antônio Vicente da Fontoura	1910
O Hino da República Rio-Grandense	1910
Antônio de Souza Neto: combate do Seival, proclamação da República	1913

Com base em tais informações, pode-se perceber a grande produtividade do autor, mormente no decênio entre 1897 e 1906. A partir daí, tendo em vista vários fatores, como suas incumbências profissionais, as perdas familiares e mesmo a decepção quanto aos destinos da localização do monumento a Bento Gonçalves, com o descarte de suas concepções, progressivamente, Ferreira Rodrigues iria diminuindo o ritmo quanto à produção de trabalhos de cunho histórico. Ainda assim, apesar de tantos contratempos e obstáculos, foram mais de duas décadas de copioso trabalho, pois, além dos citados, revelando a recorrência e predominância de escritos biográficos e sobre a Revolução Farroupilha, elaborou ensaios acerca de outros temas históricos, bem como crônicas, poemas, traduções e outros textos de natureza literária. Entre estes, podem ser destacadas suas pesquisas a respeito da imprensa rio-grandense, da fundação do presídio do Rio Grande e da ação das areias no contexto rio-grandino.

O estudo da imprensa no Rio Grande do Sul foi um dos temas, afora a Farroupilha, que mais contou com a atenção de Alfredo Ferreira Rodrigues. Seu trabalho inicial sobre tal assunto foi publicado em 1898, por ocasião das comemorações do cinquentenário do jornal rio-grandino *Diário do Rio Grande*, surgindo as primeiras de uma série de “Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul”²¹. Nesse artigo, o autor declarava que escrevera uma “notícia histórica” da imprensa rio-grandense, desde o primeiro jornal até 1845, ano que fechava o “ciclo revolucionário”, descrevendo um total de quarenta e três jornais. Nota-se que, mesmo mudando o enfoque, a Revolução Farroupilha ainda dava o norte nesse trabalho sobre o jornalismo, definindo, ao menos, o

²¹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 16-21 out. 1898, p. 1-2.

recorte cronológico empreendido pelo historiador.

Diante desse objeto de estudo, Rodrigues explicava os limites na realização de seu intento, assim como a intenção de ampliar o trabalho. Nesse sentido, dizia que começara a tomar apontamentos de tudo o que se relacionava com a imprensa, na esperança de que, dentro em pouco, teria material para um estudo detalhado. Entretanto, ressaltava que, infelizmente, os dados colhidos foram muito poucos, deficientes sobre a vida de alguns jornais e quase nulos no tocante a outros. Diante de tais empecilhos, explicava que, em todo caso, para não deixar de associar-se à comemoração do jubileu do *Diário do Rio Grande*, vinha trazer os poucos dados que reunira, os quais seriam, quando muito, o esboço de trabalho mais completo, que com vagar haveria de escrever futuramente²². Nesse artigo, Ferreira Rodrigues fazia considerações sobre as características gerais da imprensa durante o período estudado, quanto à periodicidade e ao formato dos jornais, chamava atenção para a qualidade e a “feição moderna” daqueles periódicos, bem como a importância dos mesmos no desenrolar dos acontecimentos daquele momento²³. A partir daí, o autor passava a arrolar uma série de jornais, com breve abordagem das características formais de cada um.

No ano seguinte, Rodrigues reeditou suas “Notas”²⁴, complementadas com relação às anteriores, passando a catalogar cinquenta jornais e ratificando o seu objetivo de trabalho. De acordo com tal perspectiva, relatava que, revendo nas horas vagas os seus alfarrábios, que eram muitos, e os seus jornais velhos, que também eram muitíssimos, veio-lhe a idéia de escrever uma notícia histórica da imprensa no Rio Grande do Sul, desde que se começara a publicar o primeiro jornal na província, até mais ou menos o ano de 1845, em que terminara a Revolução, período da história gaúcha que tinha mais seriamente estudado²⁵. Apesar de afirmar que organizava seus escritos “nas horas vagas”, Ferreira Rodrigues sustentava a exatidão de suas pesquisas, legitimada a partir do contato direto com as fontes, afirmando, sobre os jornais, que

²² RODRIGUES, 1898, p. 2.

²³ Para Alfredo Ferreira Rodrigues, era notável que uma imprensa, publicando tão poucas vezes e dispendo de tão acanhado espaço, pudesse influir no espírito público de modo tão decisivo como influiu no período que vai de 7 de abril de 1831 a 20 de setembro de 1835. Pode-se dizer que o movimento revolucionário de 1835, ainda que obedecendo a causas múltiplas, foi preparado por essa imprensa liliputiana. Ela pesou muito seriamente na opinião e é inegável que alguns de seus órgãos tinham boa orientação e eram inteligentemente redigidos. RODRIGUES, 1898, p. 2.

²⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1900*. Rio Grande: Editores Carlos Pinto & Comp. – Livraria Americana, 1899. p. 231-257.

²⁵ RODRIGUES, 1899, p. 231.

de quase todos eles possuía ou tivera à consulta coleções mais ou menos completas, de muitos lera apenas alguns números, mas não haveria um só deles de que não tivesse encontrado referência em outros jornais ou em documentos da época, ou de que tivera informações precisas. Desse modo, ressaltava que a relação apresentada era, portanto, digna de confiança, uma vez que até poderia não ser completa, mas era, em todo caso, exata²⁶.

As outras “Notas” de Alfredo Ferreira Rodrigues foram publicadas em 1901²⁷, tratando-se da biografia de um jornalista que atuara em Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, nas quais o autor também estabelecia explicações sobre a imprensa naquela primeira cidade. Finalmente, em 1902, o autor publicou um “Catálogo dos jornais publicados no Rio Grande do Sul (1827-1864)”²⁸, no qual ele realizava uma listagem de cento e oitenta e cinco jornais, catalogando-os quanto ao título, a localidade, o início e o fim da publicação. Nesse último trabalho, o autor ia ao encontro de adotar como método descritivo o simples arrolamento, pois não realizava nenhum tipo de introdução explicativa quanto a seus objetivos, nem fazia considerações sobre as características dos jornais citados.

Outro tema abordado por Ferreira Rodrigues dizia respeito aos primeiros tempos da ocupação lusa nas terras rio-grandenses, com o ensaio “O presidio do Rio Grande”²⁹. No texto, o autor identificava o contexto dessa ação no ambiente sulino, a expansão portuguesa na região platina, a partir da fundação da Colônia do Sacramento, e os constantes enfrentamentos entre lusitanos e hispânicos pela posse de tal território. Segundo o autor, como se tornara extremamente difícil mandar socorros àquele ponto distante dos outros estabelecimentos portugueses, lembrou-se a corte de Lisboa de povoar o Rio Grande de São Pedro, pois daí se poderiam estabelecer comunicações com a Colônia pela campanha. A narrativa de Rodrigues destacava o papel da expedição de José da Silva Paes e o insucesso de seus intentos em Montevidéu, na Colônia do Sacramento e em Maldonado, restando a

²⁶ RODRIGUES, 1899, p. 257.

²⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul: Cândido Augusto de Mello. In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1902*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. – Livraria Universal, 1901. p. 151-154.

²⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Catálogo dos jornais publicados no Rio Grande do Sul (1827-1864). In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1903*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. – Livraria Universal, 1902. p. 221-225.

²⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. O presidio do Rio Grande. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1895*. Rio Grande: Editores Carlos Pinto & Comp. – Livraria Americana, 1894. p. 217-231.

conclusão do objetivo de conquistar o Rio Grande, demarcado pelo desembarque em 19 de fevereiro de 1737³⁰.

A descrição de Rodrigues direcionava-se ao nome das embarcações e ao número de oficiais que compunham a missão, relatando também as primeiras ações dos fundadores em torno da edificação das fortificações, das tentativas de amenizar os problemas advindos do acesso marítimo através da barra, do erguimento de templos e da organização da vida social e religiosa. O autor também dava destaque às grandes dificuldades enfrentadas pelos primeiros povoadores naquela novel colônia, as quais viriam a provocar a penúria da população e, por vezes, as deserções dos militares, normalmente reprimidas com força. O outro fator de ocupação das terras rio-grandenses, além do estratégico-militar, também não escapou ao escritor, que ressaltou a busca dos colonizadores em aproveitar o potencial econômico da região ligado à exploração do gado, ao estabelecer a Estância Real do Bojuru. No texto, Alfredo Ferreira destacava ainda a questão do abastecimento, a edificação das fortificações e a ocupação humana da região recém-conquistada³¹.

O autor gaúcho buscava desmentir vários aspectos que, segundo ele, haviam sido construídos discursivamente de forma errônea e não embasada em documentação histórica. Uma dessas questões estava ligada à afirmação de que a princípio o Rio Grande fora povoado por enxurros de degredados, de mulheres imorais e de bandidos, diante do que afirmava que na grande soma de documentos escritos que estudara nem uma só referência encontrara que confirmasse tal opinião. O escritor também contradizia alguns daqueles que questionavam a localização do primitivo núcleo da povoação, considerando tal asserção como sem fundamento e seus defensores como mal informados. Rodrigues ainda contestava as opiniões que apontavam a matriz de São Pedro como a responsável pela denominação da região, demonstrando que tal designação era bem mais antiga, oriunda do século XVI. Finalmente, o historiador enfatizava que as fortificações erguidas no Rio

³⁰ RODRIGUES, 1894, p. 217-218.

³¹ RODRIGUES, 1894, p. 218-222. Narrava o historiador sobre os obstáculos enfrentados: O estabelecimento ressentia-se da falta de artigos de primeira necessidade. Paes inquietava-se com isso por se aproximar o inverno e não terem os soldados sapatos e camisas. Uma remessa feita do Rio de Janeiro foi parar na Colônia e só em junho é que chegou outra. O inverno foi rigoroso. Os oficiais o atravessaram sem cômodos, alojados em barracas, e os soldados teriam ficados nus, se os não tivesse remediado Paes com algumas baetas. Não paravam só nisso os apertos da nascente colônia. Além de outros artigos que escasseavam de dia a dia, chegaram a faltar gêneros de primeira necessidade, como farinha, azeite e vinagre, e durante perto de três meses a guarnição se alimentou só de carne.

Grande advinham do receio de um assalto dos espanhóis e não para defender-se de índios ou feras, como erradamente fora afirmado em escritos anteriores³².

Uma das principais características da obra de Alfredo Ferreira Rodrigues, a grande valorização dos “personagens históricos”, também se faz presente no trabalho sobre o presídio do Rio Grande. Um dos indivíduos destacados foi Cristóvão Pereira de Abreu, tropeiro que contribuiu com o projeto português de fixação humana no povoado rio-grandino. Para o autor, Abreu e seus companheiros foram “os tipos por que se formou essa raça de centauros”, que se chamariam mais tarde de gaúchos. O personagem de maior destaque no ensaio de Rodrigues foi José da Silva Paes, considerando que o mesmo no jovem povoado exercera uma administração cheia de atividade e perseverança. Ainda sobre o brigadeiro, o escritor exaltava que as raízes pelas quais ele tanto lidara por lançar às terras do Rio Grande tinham penetrado no solo e não havia mais como destruir a sua obra, uma vez que, de um simples posto militar, graças à perseverante energia de Paes, tornara-se aquele primitivo estabelecimento em próspero povoado, ao qual iam, a pouco e pouco, mas seguidamente, aportando famílias, trazendo consigo novos elementos de engrandecimento e riqueza³³.

Um outro texto de Ferreira Rodrigues que não abordava seu tema predileto ligado à Revolução Farroupilha dizia respeito a uma questão extremamente presente no cotidiano dos rio-grandinos. No “ligeiro estudo” intitulado “As areias do Rio Grande”³⁴, o autor tinha por objetivo determinar a época em que começara a se formar o extenso areal e as causas que o originaram. Dizia o escritor que era célebre a cidade do Rio Grande pelas suas areias, de uma alvura extrema e de uma finura sem igual; que não houvera viajante que a tivesse visitado que não se referisse a elas, assim como não houvera quem, num momento de mau humor, não a tivesse coberto de imprecensões, chamando-a “terra das areias”. Rodrigues fazia uma comparação entre o passado e o tempo por ele vivido, enfatizando que as coisas então não eram nem um arremedo do que já haviam sido, no tempo em que os cômodos moviam-se nas ruas mais centrais e as areias muitas vezes galgavam os peitoris das janelas, quando não cobriam algumas casas mais baixas, ao passo que, naquela virada de século, apenas em um ou outro ponto da

³² RODRIGUES, 1894, p. 227-230.

³³ RODRIGUES, 1894, p. 221, 224 e 226.

³⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. As areias do Rio Grande. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1903*. Rio Grande: Editores Pintos & Comp., 1902. p. 235-242.

chamada Cidade Nova aparecia algum cômodo isolado de pequena elevação³⁵.

Ainda sobre o tema, Alfredo Ferreira afirmava que as areias estavam sendo arredadas da península em que se localizava a cidade: uma linha interrompida de cômodos, quase a igual distância das duas praias, era tudo o que restara do enorme areal que antigamente parecia querer afogar a povoação, de modo que as manchas de verdura que nos últimos anos apareceram nos lugares mais baixos, iam-se alargando e aos poucos ganhando vitoriosamente terreno, dando a esperança de que, num futuro talvez não muito remoto, não haveria em torno do Rio Grande mais areias brancas e movediças. E, fazendo referência à sua meta na elaboração daquele escrito, o historiador ressaltava que era curioso e seria decerto uma surpresa para muita gente que aquelas areias nem sempre existiram, destacando que época houvera em que todo o terreno da península era uma planície coberta de verdura, havendo alguns trechos de mato, daí o objetivo de apontar a época da formação daqueles areais³⁶.

As fontes mais importantes referenciadas por Ferreira Rodrigues acerca das areias no Rio Grande eram os relatos dos visitantes estrangeiros que se fizeram presentes nas terras sul-rio-grandenses. Entre os cronistas citados pelo autor estavam Nicolau Dreys, Arsène Isabelle, Auguste de Saint-Hilaire e Sebastião Francisco Bettamio. Outros documentos eram citados como as atas da Câmara Municipal. Toda a documentação mencionava a presença incontestada das areias ao longo de boa parte do século XIX, mas, ao mesmo tempo, eram citadas fontes históricas acerca da centúria anterior, à época dos primeiros passos da ocupação lusa na região, identificando a ausência de tais areias, encontrando os primeiros povoadores, o terreno coberto de vegetação, o qual permaneceria assim durante as primeiras décadas de existência da povoação³⁷.

A partir da constatação de que os areais não existiam nos primórdios da ocupação lusa e já estavam lá nos primeiros anos do século XIX, Alfredo Ferreira Rodrigues asseverava que tal fenômeno se dera a partir da invasão espanhola de 1763 a 1776. Segundo o autor, nessa época houve um acúmulo de gado junto às terras do povoado, ficando o solo ainda mais prejudicado tendo em vista a ação de secas, de modo que os raros pastos que escaparam não bastavam para sustentar os animais neles reunidos e, em breve, os campos ficaram de todo

³⁵ RODRIGUES, 1902, p. 235.

³⁶ RODRIGUES, 1902, p. 235.

³⁷ RODRIGUES, 1902, p. 236-240.

rapados. Além disso, o escritor explicava que o pisotear constante dos rebanhos acabaria por destruir a ligeira camada de terra vegetal, pondo as areias a descoberto, as quais o vento se encarregou de revolver e transportar de um lado para outro, de modo que estava formado o grande areal. Rodrigues, desse modo, concluía que dos primeiros tempos da colônia lusa no sul as pastagens mantiveram-se até a dominação espanhola, durante a qual foram destruídas pela seca e pela grande aglomeração de gado e cavalhadas, num contexto pelo qual, desagregada a camada de terra vegetal, os ventos reinantes revolveram as areias e formaram a sucessão de cômoros que cobriram parte do terreno, chegando a invadir a povoação. Nesse sentido, o historiador arrematava seu texto, afirmando que julgava estar com a verdade e, caso se enganasse, os competentes que o dissessem, provando o contrário³⁸.

Assim, estes breves estudos de caso demonstram que a relevância da produção historiográfica de Alfredo Ferreira Rodrigues não se circunscreveu apenas aos escritos sobre a Revolução Farroupilha. Embora sua contribuição ao estudo acerca dessa guerra civil tenha sido fundamental e marcado de forma indelével a historiografia sobre o tema, o autor também destinou sua obra a outros enfoques. Ao abordar a imprensa gaúcha, foi um dos primeiros a sistematizar as informações sobre um assunto que até hoje ainda carece de mais pesquisas versando sobre a evolução histórica do jornalismo rio-grandense-do-sul. No texto sobre o Presídio do Rio Grande, ainda que centrasse a abordagem na ação de Silva Paes, o escritor apresentava várias das vivências coletivas da sociedade em construção, com destaque para as agruras passadas no jovem povoado. E no ensaio sobre as areias do Rio Grande o autor trazia à baila um dos temas mais recorrentes ao cotidiano da comunidade rio-grandina, intentando apresentar os motivos da formação daquele elemento que tanto prejudicava a evolução urbana cidadina. Nessa linha, mesmo trazendo a público através do seu *Almanaque* temas pelos quais não ficaria tão conhecido quanto aqueles relacionados à Farroupilha, Ferreira Rodrigues demonstrava nos ensaios apresentados várias das premissas de como se fazia história no Rio Grande do Sul da virada do século XIX ao XX e prestaria significativa colaboração à melhor compreensão da formação histórica sul-rio-grandense.

³⁸ RODRIGUES, 1902, p. 241-242.